POR SER MENINA NO BRASIL

Crescendo entre Direitos e Violências

Pesquisa com meninas de 6 a 14 anos nas cinco regiões do Brasil

RESUMO EXECUTIVO

Plan

Plan por ser MENINA

FICHA TÉCNICA

POR SER MENINA NO BRASIL [RESUMO EXECUTIVO]
Crescendo entre Direitos e Violências
Pesquisa com meninas de 6 a 14 anos nas cinco regiões do Brasil

PLAN International Brasil

Diretora Nacional
Anette Trompeter

Diretor de Programas de País
Dirk Hegmanns

Coordenação Institucional da Pesquisa
Celia Bonilha e Luca Sinesi

Colaboração
Flávio Debique, Elaine Azevedo e Tarcísio Silva

Assessoria de Campo – Codó (MA)
Gabriel Barbosa, Lerdson Farias, Silvia Santos e Patrícia Miranda

SOCIALIZARE
Pesquisas, Capacitação e Produção Cultural Ltda.

Coordenação Científica
Benedito Rodrigues dos Santos

Coordenação Executiva
Paola Barreiros Barbieri

Pesquisadores sêniores colaboradores
Silvia Koller
Carlos E. Santos

Assessoria Técnica
Camila Barreiros Barbieri, Diana Barbosa, Flávia Ávila e Francisca Lucena (quanti)
Gabriela Goulart Mora e Vanessa Nascimento Viana (quali)
Viviane Orlandi (fase piloto)

Pesquisadores Estaduais
Maranhão: Artenira da Silva e Silva Sauaia
Pará: Daniela Reis e Maria Lúcia Dias Gaspar Garcia
Mato Grosso: Dulce Regina Amorim
Rio Grande do Sul: Jean Von Hohendorff
São Paulo: Ana Lúcia Catão e Maria Emília Accioli Nobre Bretan

Consultores para consolidação dos dados quanti e qualitativos dos Estados:
Maranhão: Ofélia Ferreira da Silva
Pará: Maria Lúcia Dias Gaspar Garcia
Mato Grosso: Irandi Pereira
Rio Grande do Sul: Rogerio Giugliano
São Paulo: Maria Emília Accioli Nobre Bretan

Assistentes do projeto
Cintia Barros (administrativo)
Marli Coriolano (pesquisa)

Apoio
Lilian de Oliveira Argolo Vaz (quali)
Luana Moraes (quanti)
Mazra Abreu Andrade (quanti)

Auxiliares de campo
Pará: Adriane Marques Franco e Rosângela Lima Barbosa
Maranhão: Andressa Sousa Barreto, Denisson Gonçalves Chaves, Emiliy Monique, Jason M. Cardoso, Maria Aparecida Lima e Mariana Silva Souza
Mato Grosso: Ana Cláudia A. Lima, Vera Aparecida Amorim e Marcia Pereira Miranda
Rio Grande do Sul: Tainã Moreira Spinato
São Paulo: Juliana Tonche e Juliana Vinuto Lima

Colaboração:
Instituto dos Direitos da Criança e do Adolescente (INDICA)

Resumo Executivo

Organização e Redação
Celia Bonilha, Luca Sinesi, Monica Souza e Helliza Rodrigues

Projeto gráfico, Diagramação e Editoração
Rodrigo Masuda

Infografia
Guizo Design

Revisão
Monica Souza, Selma Rosa, Celia Bonilha, Luca Sinesi, Helliza Rodrigues e Lead Comunicação

É PERMITIDA A REPRODUÇÃO DESTE MATERIAL, DESDE QUE SEJA CITADA A FONTE E QUE NÃO SEJA UTILIZADO POR FINS COMERCIAIS.

CONTATO:
Plan International Brasil

Escritório Nacional
Av. Roque Petroni Jr, 1089, Salas 112 e 114, Brooklin Novo - São Paulo - SP | CEP: 04707-900 | Tel.: +55 (11) 3956-2170

Escritório de Programas
Rua dos Flamengos, nº 20, Calhau - São Luís - Maranhão
CEP: 65071-620 | +55 (98) 3235 6580

APRESENTAÇÃO DA DIRETORA NACIONAL

Prezada leitora e prezado leitor,

É com muito prazer e orgulho que apresento a vocês a pesquisa “Por Ser Menina no Brasil: Crescendo entre Direitos e Violências”, uma pesquisa verdadeiramente inédita no Brasil.

Para promover os direitos das meninas e empoderá-las para que elas sejam as principais agentes transformadoras das suas realidades, a Plan quis entender as meninas a partir do seu olhar. É por isso que ouvimos 1.771 meninas de 6 a 14 anos em todas as cinco regiões do Brasil sobre o contexto de direitos, violências, barreiras, sonhos e superações em que elas vivem.

As meninas nos contaram que gostam de serem meninas e sonham um futuro no qual a educação, a saúde, o cumprimento dos direitos, a solidariedade e o respeito às diferenças possam ser realidades para todas as meninas e meninos.

Mas elas denunciam um contexto de gritantes desigualdades de gênero, que acaba prejudicando o pleno desenvolvimento de suas habilidades para a vida. Só pra dar um exemplo: enquanto 76,8% lavam louça e 65,6% limpam a casa, apenas 12,5% dos seus irmãos homens lavam a louça e 11,4% dos seus irmãos homens limpam a casa. Queremos trabalhar para não ouvirmos mais, como ouvimos nesta pesquisa, que 1 menina de cada 5 conhece uma outra menina que já sofreu violência e que 13,7% das meninas de 6 a 14 anos trabalham ou já trabalharam.

A situação das meninas no mundo não é diferente. A Campanha mundial da Plan “Por Ser Menina” acontece em mais de 50 países, culminando a cada ano no dia 11 de outubro, dia instituído pela ONU como Dia Internacional da Menina, chamando a atenção para a necessidade de efetivar políticas públicas na busca de garantir os direitos das meninas dentro da igualdade e da justiça de gênero.

No nosso contexto, a Plan atua no Brasil desde 1997 promovendo os direitos de crianças e adolescentes em suas comunidades implementando diretamente mais de 20 projetos nos Estados do Maranhão, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Norte e São Paulo.

Esta pesquisa representa a contribuição da Plan para que no Brasil as meninas possam ser ouvidas, respeitadas e ter seus direitos garantidos e implementados. A partir desta pesquisa, queremos nos envolver e empenhar em uma grande mobilização nacional com a sociedade civil e o poder público para afirmar os direitos e a equidade de gênero das meninas na sociedade brasileira. A hora é esta!

Por um Brasil onde as meninas nunca mais sejam esquecidas.

Anette Trompeter, Diretora Nacional da Plan International Brasil

METODOLOGIA

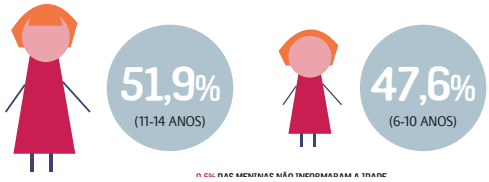
Tipo/composição da amostra	Intencional e probabilística.
Amostra Total	1.771 meninas e meninas adolescentes participaram da pesquisa, distribuídas entre 1.609 da amostra das escolas, 149 do estrato de meninas quilombolas e 13 meninas fora da escola. Realizou-se também, paralelamente, um estudo específico para o município de Codó (MA), que contou com a participação de mais160 meninas, tendo em vista a atuação estratégica da Plan nessa localidade.
Localidades	**Estados e capitais**: Pará, Maranhão, São Paulo, Mato Grosso e Rio Grande do Sul. As capitais desses estados foram escolhidas pela sua representatividade em suas respectivas regiões, com potencial de indicar as tendências regionais e, ao mesmo tempo, pelo papel que desempenham na estratégia de realização da campanha Por Ser Menina. **Municípios:** 21 distribuídos entre os 5 estados. As cidades foram selecionadas por sorteio probabilístico por meio do método AAS (Amostra Aleatória Simples), sendo as capitais dos estados consideradas municípios autorrepresentativos com probabilidade 1. A divisão inicial de 4 municípios por estado foi alterada para o Estado do Rio Grande do Sul, onde se agregou mais um município para complementação da amostra. **Escolas:** a pesquisa foi realizada em 58 escolas da amostra-escola e 9 escolas quilombolas, que também foram selecionadas pelo método AAS, por localização (urbana e rural), por dependência administrativa (pública e privada) e por nível de ensino (fundamental 1 e fundamental 2), tendo por base o Censo Escolar de 2012. As escolas sorteadas impossibilitadas de participar da pesquisa foram substituídas por escolas de um cadastro reserva, igualmente sorteadas para essa finalidade.
Período de campo	08/07 a 06/09/2013 (incluindo as fases de preparação e coleta de dados)
Margem de Erro	O erro amostral máximo da pesquisa, considerando-se um processo de amostragem aleatório simples, confiança de 95% e variância máxima, é de 2,5 %.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Católica de Brasília (UCB) em Julho de 2013.

Perfil das Meninas.

A pesquisa **"Por Ser Menina no Brasil: Crescendo entre Direitos e Violências"** foi realizada em 5 estados do Brasil, escolhidos pela representatividade em suas respectivas regiões. Foram ouvidas 1771 meninas com as seguintes características:

MÉDIA DE IDADE DAS MENINAS



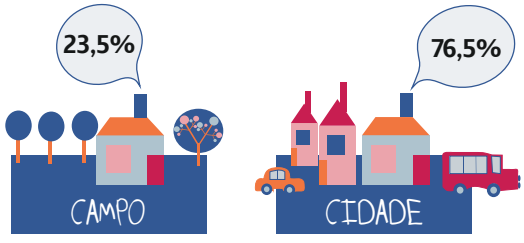
0,5% DAS MENINAS NÃO INFORMARAM A IDADE

PARÁ
MARANHÃO
MATO GROSSO
SÃO PAULO
RIO GRANDE DO SUL

DIVISÃO DE ETNIAS/RAÇAS

Cor da pele de acordo com critérios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

ZONA HABITACIONAL



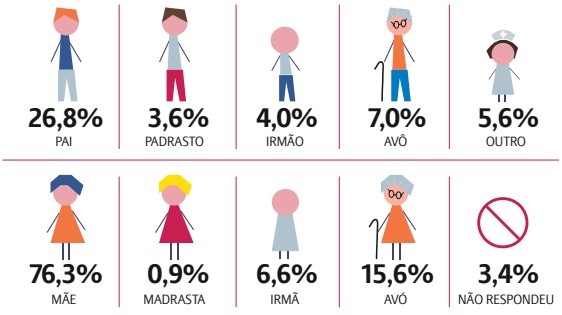
O maior contingente de participantes foi de meninas que estudam em escolas da **zona urbana** (**76,5%**), enquanto a **zona rural** foi representada por **23,5%**.

A maioria estuda em **escolas públicas urbanas** (**59,3%**), seguidas de **escolas públicas da zona rural** (**23,5%**) e, finalmente, **escolas particulares urbanas** (**17,2%**).

Famílias e Convivência Familiar

Nesta seção confirma-se o rol feminino nos cuidados. Outro dado significativo é a porcentagem de meninas que fica aos cuidados de outras pessoas que podem ser parentes ou não.

QUEM CUIDA DE VOCÊ NO DIA-A-DIA?*



*pergunta com possibilidade de respostas múltiplas

SÃO AS MÃES O ENTE FAMILIAR QUE MAIS CUIDA DAS MENINAS, CONFIRMANDO QUE O CUIDAR AINDA É PERCEBIDO E NATURALIZADO COMO ALGO EXCLUSIVO DO ÂMBITO FEMININO.

A PRESENÇA MASSIVA DAS MÃES NO CUIDADO DAS FILHAS, MESMO QUANDO ESTAS TRABALHAM FORA, É UM INDICATIVO DA DUPLA OU TRIPLA JORNADA DA MÃE.

QUANDO NÃO ESTÁ NA ESCOLA, VOCÊ FICA COM:*

	TOTAL 5 ESTADOS	QUILOMBOLAS
Sozinha %	12,7%	9,4%
Com meu pai %	14,4%	27,5%
Com minha mãe %	32,8%	38,3%
Com outras pessoas %	26,2%	22,8%
Não sabe/Não responde %	36,0%	34,2%
Total %	100,00%	100,00%

*pergunta com possibilidade de respostas múltiplas

Distribuição de Tarefas em Casa

A distribuição de tarefas ou dos afazeres domésticos entre meninas/adolescentes e meninos/adolescentes revela uma gritante desigualdade de gênero no espaço doméstico. Enquanto 81,4% das meninas arrumam sua própria cama, 76,8% lavam louça e 65,6% limpam a casa, apenas 11,6% dos seus irmãos homens arrumam a sua própria cama, 12,5% dos seus irmãos homens lavam a louça e 11,4% dos seus irmãos homens limpam a casa.

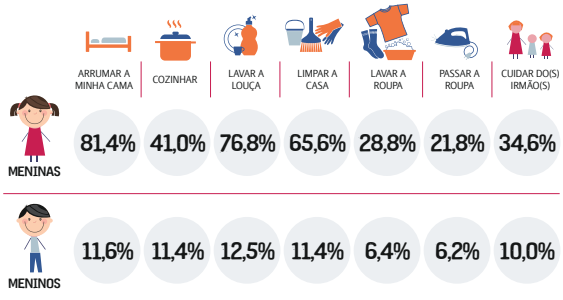
ATIVIDADES QUE A MENINA REALIZA

	Percentual (%)
Arrumar a minha cama	81,4
Cozinhar	41,0
Lavar a louça	76,8
Limpar a casa	65,6
Lavar a roupa	28,8
Passar a roupa	21,8
Cuidar do(s) irmão(s)	34,6

ATIVIDADES QUE O IRMÃO REALIZA

	Percentual (%)
Arrumar a minha cama	11,6
Cozinhar	11,4
Lavar a louça	12,5
Limpar a casa	11,4
Lavar a roupa	6,4
Passar a roupa	6,2
Cuidar do(s) irmão(s)	10,0

DISTRIBUIÇÃO DE TAREFAS



A distribuição dos afazeres revela uma **desigualdade de gênero** no **espaço doméstico**. Simplesmente por ser menina, ela é tratada como a pessoa responsável pelas tarefas domésticas, o que **tira** dela **parte de sua infância** quanto ao direito de brincar, estudar e de não **assumir responsabilidades em substituição de adultos.**

O trabalho doméstico das meninas é mais presente nos ambientes rurais (74,3% das meninas nas escolas rurais declaram limpar a casa) que nos ambientes urbanos (esse percentual desce para 67,6% nas escolas públicas urbanas e para 46,6% nas escolas particulares urbanas).

Atividades fora do horário escolar

Quando estão fora do horário da escola, as meninas entrevistadas se dedicam a atividades de lazer e esporte e à realização de tarefas escolares, entre outras. A televisão se mostra o meio de entretenimento mais frequente: 82,3% das entrevistadas disseram ver TV no período extraescolar. Outras formas de lazer, como ouvir música (67,3%), ler livros (53%) e brincar dentro de casa (55,3%), alcançaram percentuais menores, mas ainda assim são mencionadas por mais da metade das pesquisadas.

O QUE VOCÊ COSTUMA FAZER FORA DO HORÁRIO DA ESCOLA? *

		UF					
		PA	MA	SP	RS	MT	Total
Encontrar amigos	% UF	39,6%	60,7%	53,9%	55,0%	43,4%	50,9%
Ver televisão	% UF	82,2%	76,7%	86,5%	87,5%	78,9%	82,3%
Navegar na internet	% UF	24,3%	40,8%	66,3%	58,7%	47,4%	46,7%
Jogar jogos eletrônicos	% UF	15,9%	32,9%	37,3%	37,3%	31,6%	30,5%
Fazer tarefas da escola/ estudar	% UF	74,9%	81,4%	79,6%	83,0%	86,4%	80,5%
Ouvir música	% UF	52,3%	69,5%	79,6%	74,2%	60,5%	67,3%
Ler livros, revistas ou quadrinhos	% UF	43,1%	59,4%	51,4%	55,7%	57,5%	53,0%
Praticar esportes	% UF	20,5%	33,2%	35,6%	37,3%	32,0%	31,3%
Jogar bola	% UF	26,4%	24,4%	26,8%	32,1%	30,7%	27,6%
Brincar na rua	% UF	29,6%	27,1%	30,4%	27,3%	21,1%	27,6%
Brincar dentro de casa	% UF	56,3%	62,6%	49,7%	51,3%	55,3%	55,3%
Visitar parentes e/ou amigos	% UF	41,8%	56,0%	55,8%	53,5%	47,4%	51,0%
Namorar	% UF	10,0%	12,5%	17,1%	8,9%	9,2%	11,9%
Participar de atividades culturais como música, dança e teatro	% UF	21,6%	26,8%	26,2%	24,4%	32,0%	25,8%
Ir à igreja	% UF	59,3%	61,5%	50,3%	36,2%	65,8%	54,8%
Participar de grupo de jovens	% UF	29,9%	27,3%	20,4%	11,8%	21,9%	23,0%
Participar de trabalho voluntário	% UF	4,9%	10,6%	4,7%	6,3%	6,1%	6,6%

*pergunta com possibilidade de respostas múltiplas

Trabalho Infantil

Uma seção da pesquisa foi dedicada especialmente a questões relacionadas ao trabalho infantil, tendo como uma das finalidades aferir o cumprimento do ECA no que tange à proibição do trabalho de menores de 16 anos, excetuando-se a condição de aprendiz (acima de 14 anos).

Somando as meninas que "estão trabalhando" com aquelas que já trabalharam, mas que não trabalham atualmente, **um total de 13,7% das meninas de 6 a 14 anos no Brasil trabalham ou já tiveram experiência de trabalho**, chamando a atenção para a total violação dos direitos das crianças e das meninas e para uma temática que não pode e não deve mais ser invisibilizada.

A essa porcentagem, temos que adicionar as meninas que estão procurando trabalho (2,3%) e aquelas que não quiseram responder (10,6%). Chama a atenção a liderança de São Paulo entre os estados pesquisados na porcentagem de meninas que estão em situação de trabalho infantil (9,4%). Uma menção específica merece a amostra quilombola, na qual 24,1% das meninas responderam que trabalham ou já trabalharam.

QUAL É A SUA SITUAÇÃO DE TRABALHO?

		UF						
		PA	MA	SP	RS	MT	Total	Amostra quilombola
Nunca trabalhei	% UF	82,2%	70,6%	67,1%	81,9%	79,8%	75,7%	71,1%
Já trabalhei, mas não trabalho atualmente	% UF	6,2%	5,6%	9,7%	4,4%	6,6%	6,6%	8,7%
Estou trabalhando	% UF	3,5%	8,5%	9,4%	7,4%	7,0%	7,1%	15,4%
Estou procurando trabalho	% UF	0,8%	2,7%	4,4%	2,6%	0,4%	2,3%	0,7%
Não responde	% UF	8,4%	15,9%	13,5%	5,2%	7,5%	10,6%	5,4%

O somatório dos percentuais descritos na tabela é superior a 100%, já que uma mesma entrevistada poderia marcar mais de uma possibilidade de resposta. Esse é o caso das meninas que estavam "procurando trabalho" e que, ao mesmo tempo, "nunca trabalharam" ou "já trabalharam e não trabalham atualmente".

Perguntamos também às meninas que declararam estar trabalhando em que setor ou atividade elas estão trabalhando.

Entre as meninas que trabalham, o maior percentual delas afirmou estar realizando **trabalho doméstico na casa de outras pessoas** (37,4%). Contribuíram para elevar esse índice os percentuais registrados pelas meninas do Estado de Mato Grosso (50,0%) e do Pará (46,2%).

O **trabalho no comércio (lojas, mercados etc.)** foi apontado em segundo lugar de recorrência entre as meninas, com 16,5%. As meninas do Estado de São Paulo apresentaram percentuais acima da média nacional em 10 pontos percentuais (26,5%).

ONDE TRABALHA?

		UF					
		PA	MA	SP	RS	MT	Total
Trabalho em comércio (lojas, mercados etc.)	% UF	0,0%	12,5%	26,5%	20,0%	12,5%	16,5%
Trabalho na rua (vendendo coisas, reciclagem, catação, engraxate, vigiando ou limpando carros etc.)	% UF	0,0%	6,3%	2,9%	10,0%	6,3%	5,2%
Faço trabalho doméstico na casa de outras pessoas (cuidado de crianças, limpando, passando etc.)	% UF	46,2%	37,5%	29,4%	35,0%	50,0%	37,4%
Trabalho na agricultura, pecuária ou pesca	% UF	7,7%	0,0%	17,6%	0,0%	6,3%	7,0%
Trabalho na área administrativa (office-boy, secretária, informática etc.)	% UF	0,0%	3,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,9%
Trabalho em indústria/fábrica	% UF	0,0%	6,3%	11,8%	5,0%	0,0%	6,1%
Trabalho em outro lugar.	% UF	15,4%	43,8%	26,5%	20,0%	6,3%	26,1%

O somatório dos percentuais descritos na tabela não equivale a 100%. Em situações em que uma mesma entrevistada possui mais de um trabalho/emprego, a soma dos valores será superior a 100%. Do mesmo modo, meninas que afirmaram estar trabalhando podem não ter respondido onde trabalha, fazendo com que a soma dos percentuais seja inferior a 100% em determinados casos.

Brincar: tempo, gênero e brincadeiras

Como consequência direta do trabalho (doméstico e fora de casa), 31,7% de todas as meninas ouvidas informam que o tempo para brincar, direito fundamental de todas as crianças, é insuficiente durante a semana.

TEMPO PARA BRINCAR

Quase **1/3 das meninas**, ou **31,7%**, avalia que o tempo para brincar é insuficiente durante a semana.

DESIGUALDADE DE GÊNERO

65,5%
delas discordam da opinião de que "meninas só devem brincar de boneca, e meninos, de carrinho".

72,9%
discorda da opinião de que é "feio ver meninas brincando com meninos".

82,7%
delas concordam que "tanto meninos quanto meninas podem escolher qualquer brincadeira ou atividade esportiva".

Em termos de brincadeiras e gênero, algumas visões culturais sobre brincadeiras de meninos e meninas tidas como dominantes não foram sustentadas pela maioria das meninas/adolescentes ouvidas. A percepção de que alguns comportamentos não são apropriados a um ou outro sexo não encontrou eco entre as meninas que participaram deste estudo.

A linha que divide as brincadeiras tipicamente femininas e masculinas parece se tornar cada vez mais tênue. Ao avaliarem divisões clássicas de comportamento de gênero, como brincar de boneca e de carrinho, 65,5% das entrevistadas discordaram da afirmação de que "meninas só devem brincar de boneca e meninos de carrinho". Nota-se que, desse percentual mencionado, 42,1% foram enfáticas ao declararem que "discordam totalmente" desse enunciado.

De forma coerente, 52% das meninas não concordam que algumas brincadeiras de meninos não devem ser reproduzidas pelas meninas. Embora haja quase um equilíbrio entre aquelas que concordam e não concordam com essa assertiva, percebe-se que, enquanto 26,4% das meninas discordam totalmente dessa ideia, apenas 11,7% concordam totalmente.

TEM MUITA BRINCADEIRA DE MENINO QUE MENINAS NÃO DEVEM BRINCAR		UF						
		PA	MA	SP	RS	MT	Total	Amostra quilombola
Discordo totalmente	% UF	21,8%	25,5%	31,8%	31,7%	20,2%	26,4%	17,4%
Discordo	% UF	22,6%	24,4%	28,2%	26,9%	26,8%	25,6%	33,6%
Concordo	% UF	36,7%	30,0%	22,7%	24,0%	36,8%	29,8%	30,9%

Relação com pais, bem estar e segurança em casa

Geralmente as meninas ouvidas vivem em uma atmosfera familiar que elas identificam como positiva. Parte significativa delas concordou com assertivas que indicam apoio, afeto, atenção e diálogo entre pais e filhas:

86,4% delas concordam que os pais ajudam quando preciso.

87,4% se sentem amadas e bem tratadas.

87,1% se sentem seguras com os pais ou responsáveis.

E, QUANDO AS MENINAS FAZEM ALGO ERRADO, OS PAIS E RESPONSÁVEIS: *

Em **57,1%** dos casos, conversam com elas.

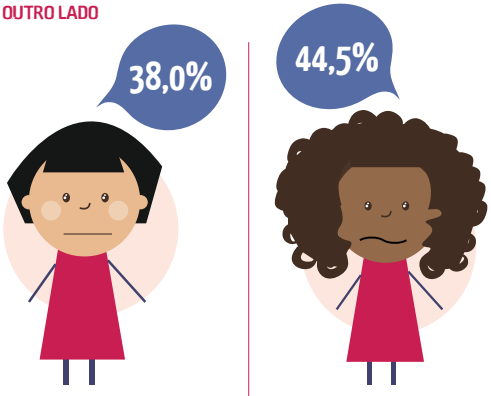
Em **41,8%** dos casos, dão bronca ou sermão.

Em **26,2%** dos casos, gritam com elas.

Em **23,2%** dos casos, batem nelas.

*pergunta com possibilidade de respostas múltiplas

POR OUTRO LADO



DAS MENINAS DECLARAM QUE OCORREM BRIGAS NA FAMÍLIA

AFIRMAM QUE OS PAIS AS CRITICAM

É evidente que a violência contra as meninas no âmbito familiar (verbal, emocional e física) como forma totalmente equivocada de educação ainda é muito comum (quase 1 menina de cada 4 apanha em casa). E considerando que 87,4% das meninas se sentem amadas e bem tratadas, nem sempre a violência verbal, emocional ou física é vista como uma violação dos direitos das meninas, o que deve chamar a atenção para um trabalho de sensibilização familiar sobre todas as formas de violências.

		UF						
		PA	MA	SP	RS	MT	Total	Amostra quilombola
Concordo totalmente	% UF	13,7%	10,6%	11,9%	9,6%	12,3%	11,7%	10,7%
NR	% UF	5,1%	9,5%	5,5%	7,7%	3,9%	6,5%	7,4%
Total	**% UF**	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100%

Utilização das tecnologias de informação e comunicação

A maioria das meninas entrevistadas possui celular pré-pago, com importantes diferenças regionais (no Pará a maioria delas não possui celular pré-pago). Já na amostra quilombola, menos de 1 menina de cada 4 possui um celular pré-pago.

POSSUI CELULAR PRÉ-PAGO?

		UF						
		PA	MA	SP	RS	MT	Total	Amostra quilombola
Sim	% UF	42,6%	53,3%	69,3%	62,7%	60,5%	57,1%	24,8%
Não	% UF	51,8%	35,3%	24,6%	30,3%	30,3%	35,1%	73,2%
Não responde	% UF	5,7%	11,4%	6,1%	7,0%	9,2%	7,8%	2,0%
Total	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Os computadores são itens menos frequentes entre as meninas/adolescentes pesquisadas que os celulares. Enquanto 57,1% delas possuem celular pré-pago, menos da metade delas (45,9%) possuem computador de mesa ou notebook. No caso das meninas quilombolas, essa porcentagem desce para 5,4%.

POSSUI COMPUTADOR DE MESA OU NOTEBOOK?

		UF						
		PA	MA	SP	RS	MT	Total	Amostra quilombola
Sim	% UF	14,6%	37,4%	66,6%	64,6%	55,7%	45,9%	5,4%
Não	% UF	74,7%	43,5%	24,9%	26,2%	28,9%	41,5%	90,6%
Não responde	% UF	10,8%	19,1%	8,6%	9,2%	15,4%	12,6%	4,0%
Total	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

A maioria das meninas/adolescentes ouvidas acessa a internet em casa (52%), seguido pela escola (24,2%) e pela casa de amigos e parentes (22,9%). O Pará tem os menores índices em todas as opções de lugares de acesso à internet e a maior proporção de não respostas (52,8%). No Maranhão, cuja realidade também se distancia da observada no Sul e no Sudeste, chama a atenção o número de meninas que utilizam as lan houses para acessar a rede (21%).

ONDE UTILIZA INTERNET?*

		UF						
		PA	MA	SP	RS	MT	Total	Amostra quilombola
Escola	% UF	10,2%	20,2%	31,2%	31,7%	33,3%	24,2%	7,4%
Casa	% UF	29,1%	41,9%	71,3%	68,6%	55,7%	52,0%	2,7%
Lan house	% UF	3,5%	21,0%	11,3%	5,9%	7,5%	10,3%	4,7%
Centro público/ comunitário	% UF	1,6%	2,4%	3,3%	2,6%	,4%	2,2%	1,3%
Casa de amigos/ parentes	% UF	9,7%	21,5%	33,1%	29,2%	22,8%	22,9%	4,7%
Outro	% UF	3,5%	2,9%	3,9%	4,1%	2,6%	3,4%	0,7%
Não sabe/ Não responde	% UF	52,8%	36,9%	12,4%	16,6%	21,5%	29,5%	83,9%

*pergunta com possibilidade de respostas múltiplas

Escola e Escolarização

Como é o caminho da escola (nível de segurança):

A escola começa... no caminhar para a escola! E só em 53,6% dos casos, o caminho da escola é indicado como "sempre" seguro. No caso das meninas de escolas urbanas e particulares, essa porcentagem desce para 48,4%, índice de uma maior percepção da violência em âmbito urbano. Contraprova disso é que para o 70,5% das meninas quilombolas o caminho para a escola é "sempre" seguro.

O CAMINHO DA ESCOLA É SEGURO?

		Rural e Pública	Urbana e Pública	Urbana e Particular	Total	Amostra Quilombola
Nunca	%	7,4%	5,7%	4,7%	5,9%	8,1%
Às vezes	%	26,2%	34,1%	41,2%	33,4%	17,4%
Sempre	%	56,6%	54,0%	48,4%	53,6%	70,5%
Não responde	%	9,8%	6,3%	5,8%	7,0%	4,0%
Total	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,0%

Níveis de frequência às aulas:

Um preocupante 30,3% das meninas declara que costuma faltar "muito" às aulas (com poucas diferenças entre as regiões). As meninas quilombolas faltam menos (26,2%).

VOCÊ COSTUMA FALTAR MUITO ÀS AULAS?

		Total 5 Estados	Quilombolas
Não	%	63,3%	71,8%
Sim	%	30,3%	26,2%
Não responde	%	6,4%	2,0%
Total	%	100,00%	100,00%

Entre os motivos pelos quais as meninas costumam faltar muito às aulas, percebe-se a diferença entre meninas de escolas públicas rurais, escolas públicas urbanas, escolas urbanas particulares e escolas quilombolas.

A falta de transporte é apontada em 14,8% dos casos nas escolas públicas rurais, em 53,8% dos casos nas escolas quilombolas e só em 4,0% dos casos nas urbanas particulares.

"Não tenho interesse, não gosto da aula" é apontado como motivo de falta em 6,6% dos casos nas escolas públicas rurais, em 4,7% dos casos nas escolas públicas urbanas e em nenhum caso nas escolas urbanas particulares.

Níveis de aprovação e reprovação:

O Brasil que busca uma educação de qualidade para todas as meninas ainda tem um longo caminho a percorrer. Quando olharmos para os níveis de aprovação e reprovação:

só 3,2% das meninas em escolas urbanas particulares já foram reprovadas, contra 12,7% nas escolas públicas urbanas, 19,3% nas escolas públicas rurais e 19,5% nas escolas quilombolas.

VOCÊ JÁ FOI REPROVADA?

		Rural e Pública	Urbana e Pública	Urbana e Particular	Total	Amostra Quilombola
Não	%	72,5%	84,2%	93,5%	83,0%	75,8%
Sim	%	19,3%	12,7%	3,2%	12,6%	19,5%
Não responde	%	8,2%	3,1%	3,2%	4,4%	4,7%
Total	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Relações de gênero na escola:

A análise sobre as relações de gênero na escola demonstra que, na percepção das meninas entrevistadas, os meninos não possuem privilégios no tratamento dispensado pelos professores. Pouco mais de 80% delas discordaram da afirmativa segundo a qual "meninos são mais bem tratados pelos professores na escola".

Satisfação e bem estar na escola:

De modo geral, as meninas/adolescentes gostam da escola em que estudam e dos profissionais que nela atuam. Quando apresentadas à frase "eu me sinto bem quando estou na escola", 81,9% concordaram. Nas escolas quilombolas, essa porcentagem sobe para 88,6%.

EU ME SINTO BEM QUANDO ESTOU NA ESCOLA

		UF						
		PA	MA	SP	RS	MT	Total	Amostra quilombola
Discordo totalmente	% UF	0,8%	4,8%	4,1%	2,2%	0,9%	2,7%	4,0%
Discordo	% UF	3,0%	4,0%	11,3%	11,1%	5,7%	6,8%	3,4%
Concordo	% UF	47,7%	47,2%	46,7%	47,6%	61,8%	49,3%	57,7%
Concordo totalmente	% UF	43,7%	30,0%	26,2%	35,4%	25,4%	32,6%	30,9%
Não responde	% UF	4,9%	14,1%	11,6%	3,7%	6,1%	8,5%	4,0%
Total	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Por outro lado, é menos confortante o dado referente às dúvidas e opiniões em sala de aula. Embora as porcentagens sejam ainda positivas, 21,2% das meninas não se sentem à vontade para expressar dúvidas e opiniões em sala de aula (24,2% para as quilombolas).

SINTO-ME À VONTADE PARA EXPRESSAR MINHA DÚVIDA OU OPINIÃO EM SALA DE AULA

		Total 5 Estados	Quilombolas
Discordo totalmente	%	6,2%	9,4%
Discordo	%	15,0%	14,8%
Concordo	%	37,7%	47,0%
Concordo totalmente	%	30,6%	24,8%
Não responde	%	10,6%	4,0%
Total	%	100,00%	100,00%

Direitos, violações e violências

Grau de conhecimento dos instrumentos que asseguram direitos:

A pesquisa demonstrou que, infelizmente, os instrumentos que asseguram os direitos da criança e do adolescente são ainda bastante desconhecidos por pelo menos 70% das meninas do Brasil.

NUNCA OUVIRAM FALAR OU JÁ OUVIRAM FALAR, MAS NÃO LERAM

84,3%
Declaração Universal dos Direitos da Criança (1959).

79,3%
Lei n.º 11.525/2007, que trata da obrigatoriedade do ensino dos direitos da criança/ adolescente no ensino fundamental.

82,3%
Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (1989).

70,7%
Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o documento mais importante da garantia dos direitos das crianças e adolescentes no Brasil.

Os índices de desconhecimento do ECA são maiores para as meninas da zona rural. O cruzamento por tipo/área de escola identificou que, enquanto 70,0% das meninas das escolas públicas urbanas e 63,9% das escolas particulares urbanas "nunca ouviram falar" do ECA ou "já ouviram falar, mas não leram", os índices para as meninas da escola rural que desconhecem o ECA são da ordem de 77,2%.

Resulta claramente descumprida a Lei nº 11.525 de 2007, que dispõe sobre a obrigação do Ensino dos Direitos da Criança e do Adolescente no ensino fundamental.

O Estado não cumpre o seu papel, e o desconhecimento dos Direitos da Criança e do Adolescente traz evidentes consequências negativas na qualidade de vida de milhões de meninas.

Os direitos de meninos e meninas são iguais na prática?

37,7% das meninas acham que meninas e meninos na prática não têm os mesmos direitos (porcentagem praticamente igual para as meninas quilombolas).

28,6% das meninas já tiveram seus direitos desrespeitados (porcentagem praticamente igual para as meninas quilombolas). 34,6% das meninas que tiveram seus direitos desrespeitados não procuraram ajuda. Os percentuais de meninas das escolas particulares (54,9%) e das escolas públicas urbanas (52,5%) que declararam ter buscado ajuda foram ligeiramente maiores do que aqueles registrados pelas meninas das escolas públicas rurais (48,6%).

Vivência ou testemunho de violência: Você já viu alguma menina/adolescente ser maltratada?

1 menina de cada 5 conhece uma outra menina que já sofreu violência.

Quando perguntadas se conhecem alguma menina que já sofreu violência, 20,4% delas responderam

afirmativamente. Os percentuais registrados para os estados do Pará (26,4%) e São Paulo (22,4%) foram superiores à média encontrada na amostra-escola dos cinco estados. Na amostra quilombola, essa porcentagem desce para 14,1%.

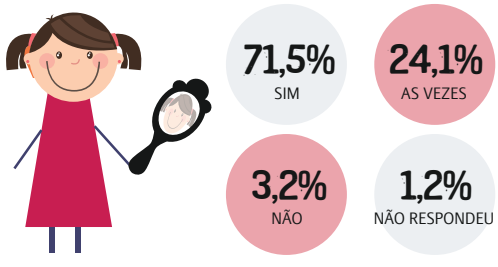
VOCÊ CONHECE ALGUMA MENINA QUE JÁ SOFREU VIOLÊNCIA?

		UF						
		PA	MA	SP	RS	MT	Total	Amostra quilombola
Não	% UF	70,1%	76,1%	66,6%	73,8%	75,9%	72,2%	82,6%
Sim	% UF	26,4%	13,3%	22,4%	19,9%	19,7%	20,4%	14,1%
NR	% UF	3,5%	10,6%	11,0%	6,3%	4,4%	7,5%	3,4%
Total	% UF	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Bem estar: níveis de satisfação em ser menina

Em geral, as participantes da pesquisa apresentaram um elevado nível de estima própria. A maioria das meninas participantes da pesquisa (71,5%) afirmou sentir-se bonita e 3,2% manifestaram opinião contrária. Quando perguntadas se a cor da pele lhes parece bonita, a resposta da quase totalidade das meninas foi afirmativa (94,8%). Os dados desagregados para os três recortes (faixa etária, tipo/área escola e etnia) apresentaram-se de forma muito similar.

VOCÊ SE CONSIDERA BONITA?



Mas:

9,6% não se sente feliz por ser menina.

E:

Mais meninas nas escolas públicas rurais (9,8%) não gostam de serem meninas em relação às meninas de escola urbana particular (2,5%).

37,3% das meninas nas escolas públicas rurais e 31% nas escolas urbanas particulares declaram que as pessoas da família ficariam chateadas se quisessem fazer coisas que geralmente os meninos fazem – mais uma evidência de que as discriminações de gênero no âmbito familiar são ainda muito presentes e culturalmente persistentes.

Meninas: o que é importante para ser feliz?

Em geral, grande parte das meninas julga que, para ser feliz, precisa, em primeiro lugar, **estudar** (89,2%) e, em seguida, **ter uma vida saudável** (87,6%). É muito interessante ver que para as meninas quilombolas estudar (94,6%) e ter uma vida saudável (90,6%) são ainda mais importantes para serem felizes.

Brincar, fazer amizade com meninas da própria idade, cuidar de si própria e cuidar do meio ambiente também receberam altos índices de adesão pelas meninas como significância de requisitos para a felicidade: 82%, 79,1%, 78,9% e 77,7%.

Ainda que com uma frequência levemente menor, outras afirmativas foram também consideradas significativas para o alcance da felicidade pelas meninas que participaram da pesquisa: conhecer seus direitos (70,7%), desenvolver talento artístico (70,6%) e praticar esportes (70,5%).

O relacionamento com o "outro" e com o "coletivo" foram considerados importantes por mais da metade delas: conversar sem brigar para se chegar a uma solução em um conflito (68,7%), ter atitude de respeito às diferenças (66,4%), identificar quando alguém precisa de ajuda e ser solidária (65,1%), cuidar dos irmãos (53,4%) e mobilizar as pessoas para melhorar os espaços coletivos (53,3%).

Quesitos mais convencionais, considerados por muitas pessoas como fundamentais em projetos de futuro, parecem descer na escala de prioridades das meninas, já que menos da metade das meninas consideram, hoje, que casar (47,7%), ganhar dinheiro (45,9%) e ter filhos (45,2%) sejam importantes para sua felicidade.

Como tendência, podemos afirmar que as meninas hoje têm consciência clara da importância da valorização da própria educação e saúde para uma vida feliz – e a importância de conhecer os direitos, de cuidar do(a) outro(a) e do meio ambiente são bem evidentes nas prioridades das meninas. Muito mais do que casar e ganhar dinheiro.

Depoimentos das meninas

"Ser menina é reconhecer seus direitos, ser honesta, respeitada, orgulhosa daquilo que faz, confiar nos colegas e não ter angústias." (12 anos, Escola Quilombola, São Paulo)

O QUE É SER MENINA?

"Ser menina... Ser divertida, exemplar, estudiosa, brincalhona. Isso é ser menina pra mim!" (10 anos, Escola Urbana Particular, Pará)

EXISTE ALGO DE BOM EM SER MENINA?

"É ser respeitada, se valorizar, se amar, acreditar em si mesma, ter atitude e coragem para fazer as coisas, é ser verdadeira." (13 anos, Escola Urbana Pública, Maranhão)

"É bom brincar, estudar, trabalhar, ser uma pessoa boa, brincar com as amigas. Trabalhar, comer todos os dias. Eu trabalho, capino com minha mãe, vou para o mato, quebro coco; eu trabalho de roça com meu pai." (10 anos, Escola Pública Quilombola, Maranhão)

"O bom de ser menina é que a gente pode fazer várias amizades e pode ser com menina ou menino sem o preconceito de achar que as pessoas vão te ignorar ou achar que as pessoas podem mais só porque são meninos. Eu acho que é isso que importa para mim." (12 anos, Escola Urbana Pública, Rio Grande do Sul)

MENINOS E MENINAS TÊM AS MESMAS OPORTUNIDADE?S POR QUÊ?

EXISTE ALGO RUIM EM SER MENINA?

"Ahãm. Quando você é menina, aí tem brincadeira de, tipo, jogar bola, aí eles falam: 'você é menina, você não aguenta ficar jogando bola'. É, eu estava brincando de boneca, aí eu queria colocar a boneca dentro do carrinho, aí os meninos não deixam. É porque eu sou menina." (10 anos, Escola Pública Rural, São Paulo)

"Assim, nunca aconteceu isso comigo, mas o preconceito. Porque os homens acham que podem mandar mais que as mulheres, então acho que só isso que é ruim, que a população tem um preconceito mais com as mulheres". (10 anos, Escola Urbana Particular, Maranhão)

"Dentro de casa há diferença... Se eu chegar... vamos dizer. Eu tenho um irmão de 23 e um irmão de 20. Se a minha irmã chegar e disser 'Mãe me empresta o carro', minha mãe vai dizer 'Não, você tá maluca? Você vai bater no poste. Você vai atropelar umas 50 pessoas'. Já se meu irmão chegar bêbado e falar: 'Mãe me empresta o carro?', ela: 'Pega'. Rola esse preconceito. A mulher não, ela tem que pilotar fogão. A mulher isso, a mulher aquilo. Tem até um ditado que mulher no volante perigo constante. E tem muita mulher que, meu Deus, dá um pau em cara que tá dirigindo. Tem cara que é ridículo dirigindo um carro e tem mulher que é muito boa." (14 anos, Escola Urbana Pública, Mato Grosso)

"A maioria das vezes é na internet e na escola que a gente aprende, com os amigos e amigas." (14 anos, Escola Pública Urbana, Rio Grande do Sul)

"Eu prefiro falar com a mãe das minhas amigas, que eu tenho mais liberdade... A mãe da Júlia. Eu falo com a mãe dela e ela é mais mãe do que a minha mãe. Mas sabe. A mãe dela me dá muito conselho. Eu chego na casa dela e a mãe dela: 'Ah, e aí tá namorando ainda?'. Gente, eu tenho a minha liberdade pra falar com a mãe dela. Com a mãe da Ana. Da Júlia. Com a mãe de todo mundo. Com a mãe da Júlia, eu chego e ela que começa a falar as coisas. Por que, tipo, ela confia em mim e na Júlia. Então a gente vai conversando e tal." (13 anos, Escola Particular, São Paulo)

Por que um filho não é uma desgraça, não é uma doença. É uma vida que tá nascendo. Mas na adolescência você ter um filho, você estraga a sua vida, totalmente. Você não tem mais vida." (14 anos, Escola Pública Urbana, Mato Grosso)

NAMORO, SEXUALIDADE, DIREITOS SEXUAIS, REPRODUTIVOS E GÊNERO

"Não precisa fazer o que os outros querem, tu tem que ter a tua vontade, o que tu quer para ti. Suponhamos que o meu pai não queira deixar eu fazer o que eu quero fazer. Eu deixo para lá e eu vou seguir o que eu quero, tipo vou seguir a minha vontade e não a dele." (12 anos, Escola Rural Pública, Rio Grande do Sul)

"Em casa sou eu que faço as coisas. Meus irmãos, algumas vezes eles arrumam a cama, varrem a casa. Meu irmãozinho fica só brincando. A mulher que faz a diferença na comunidade." (8 anos, Escola Urbana Pública, Pará)

Meu sonho é me formar numa faculdade, trabalhar, ganhar meu dinheiro, construir minha casa. E depois pensar em outras coisas. Como... Como arranjar marido, ter filhos. Eu queria ser professora de física." (9 anos, Escola Urbana Particular, Pará)

QUAIS SÃO SEUS SONHOS PARA O FUTURO?

"Eu acho que sim em casa, escolas, assim, mas em lugares, normalmente por causa do preconceito as meninas têm menos, assim, oportunidade do que os meninos. Porque as pessoas são preconceituosas. E acham que talvez as meninas não saberão fazer isso, as pessoas que mais têm preconceito são os homens com as mulheres, assim, é muito difícil uma mulher ter preconceito com outra mulher. Então são mais os homens que são preconceituosos. Então a maioria das coisas são os homens." (10 anos, Escola Urbana Particular, Maranhão)

"O meu sonho é mais louco que o dela. O meu sonho é ser médica legista. Quero abrir morto mesmo. O meu sonho é isso. Ter filhos, aquela coisa de mundo encantado não muito. Mas, se tiver, brigada. Se eu não for casada, brigada. O que eu quero é ser feliz." (14 anos, Escola Pública Urbana, São Paulo)

Conclusões e recomendações

Conclusões

As meninas gostam de serem meninas e sonham com um futuro no qual a educação, a saúde, o cumprimento dos direitos, a solidariedade e o respeito às diferenças possam ser realidade para todas as meninas e meninos.

Mas como a família, a escola, a sociedade e o Estado tratam as meninas simplesmente por serem meninas?

- Enquanto 81,4% das meninas arrumam sua própria cama, 76,8% lavam louça e 65,6% limpam a casa, apenas 11,6% dos seus irmãos arrumam a sua própria cama, 12,5% dos seus irmãos lavam a louça e 11,4% dos seus irmãos limpam a casa.
- 13,7% das meninas de 6 a 14 anos no Brasil trabalham ou já tiveram experiência de trabalho.
- 31,7% de todas as meninas ouvidas informam que o tempo para brincar, direito fundamental de todas as crianças, é insuficiente durante a semana.
- Em 26,2% dos casos, pais e/ou responsáveis gritam com elas e, em 23,2% dos casos, batem.
- Só em 53,6% dos casos, o caminho da escola é indicado como "sempre" seguro.
- 70,7% das meninas "nunca ouviram falar" ou "ouviram falar, mas não leram" o Estatuto dos Direitos da Criança e do Adolescente (ECA).
- 1 menina de cada 5 conhece uma outra menina que já sofreu violência.

Recomendações

- Realização de campanhas e ações que possam incidir sobre o lugar das meninas no imaginário social e que possam levar os órgãos públicos responsáveis por políticas sociais para crianças e adolescentes a adotarem recortes de gênero, visando à diferenciação nas metas e estratégias dessa política.
- Realização de ações de mobilização social das próprias meninas, incluindo a conscientização de seus responsáveis, famílias, lideranças e escolas, visando a seu empoderamento e protagonismo social.
- Realização de ações de sensibilização sobre a divisão do trabalho doméstico entre meninas e meninos, homens e mulheres, reconhecendo o direito universal das meninas de brincar, praticar esporte e desenvolver plenamente suas habilidades para a vida, respeitando seus desejos e sonhos.
- Fortalecimento das iniciativas públicas e da sociedade civil contra o trabalho infantil das meninas.

- Incidência junto ao Ministério da Educação, Conselhos de Educação e de Direitos da Criança e do Adolescente para a imediata implementação universalizada da Lei nº 11.525 de 2007, que determina a inclusão de conteúdo sobre direitos da criança e do adolescente no currículo do ensino fundamental à luz do ECA.

- Realização de campanhas massivas e ações de prevenção eficazes da violência contra as meninas, na família, na comunidade, na escola e em toda a sociedade.

- Estabelecimento e manutenção de canais permanentes de organização da sociedade na advocacia pela não discriminação e equidade de gênero das meninas na sociedade brasileira.

O relatório completo e detalhado da pesquisa está disponível no site da Plan International Brasil: www.plan.org.br

www.plan.org.br